

Os filhos dos heróis presos

O Arena Ensemble, de Marco Martins, repõe a partir de hoje o espectáculo que no final do ano passado esgotou uma semana de representações no Auditório Rui Vilar, na Culturgest: *A colónia* baseia-se nas memórias dos filhos de presos políticos da ditadura portuguesa, com um elenco que cruza actores profissionais, estudantes de teatro e não-actores. A música (ao vivo) é de B Fachada. A peça fica em cena até Domingo.

Partindo de uma investigação da jornalista Joana Pereira Bastos para o jornal *Expresso* — *Férias contra ditadura* —, Marco Martins revisita os acontecimentos vividos entre Junho e Agosto de 1972 numa inédita colónia de férias organizada pela Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, com o apoio da Amnistia Internacional, para filhos de presos políticos, num casarão das Caldas da Rainha. Em 1994, Valentina Marcelino — que aos três anos de idade esteve na colónia de férias —, na altura jornalista no *Expresso*, publicou uma reportagem a partir dos testemunhos das crianças e das monitoras. Joana Pereira Bastos, em 2021, publicou o artigo que resultou do encontro fortuito com uma publicação no Facebook de uma das monitoras responsáveis na colónia.

Em *A colónia*, Marco Martins revisita os acontecimentos vividos nessa colónia, convocando a palco antigos presos políticos, crianças, monitoras e actores.

“É inimaginável o que é ser criança e assis-



© D.R. TNSJ

tir à prisão dos pais. Uma prisão envolta em grande violência. Ficar sem os pais, crescer sem eles. É inimaginável o sofrimento de uma criança a quem é dito, por exemplo, que não pode sair à rua, não pode brincar com outras crianças, que não pode falar, e ser-lhe dito que os pais estão a ser perseguidos por homens maus e, portanto, a qualquer momento podem ser apanhados, presos. Estas crianças foram apanhadas numa escolha dos pais — numa escolha de enorme coragem dos pais, obvia-

mente, isso não está em causa —, mas foram elas que acabaram por pagar o preço mais alto. E eu acho que isso nunca foi reconhecido pelo País. Houve mais de 30 mil presos políticos durante o Estado Novo. Foram milhares de crianças que, em algum momento, viram os pais serem presos, que passaram pela clandestinidade, que sofreram com o sofrimento dos pais, sem terem capacidade de entender o que estava em causa”. (Joana Pereira Bastos)

Pôr um retrato em cena



© Jorge Albuquerque

Rui Neto apresenta *Monóculo*, retrato de S. von Harden, protagonizado por Cristóvão Campos, numa viagem ao âmago do movimento expressionista alemão, que é também a história do quadro — da autoria do pintor Otto Dix — que dá o nome ao espectáculo. O espectáculo está em cena a partir de amanhã no Fórum Romeu Correia, em Almada, até dia 15.

Estamos nos anos 20 do século passado, no atelier do pintor expressionista Otto Dix, em Berlim. A figura que este artista está a retratar é a jornalista S. von Harden, que, de cabelo curto, monóculo, cigarro na mão e discurso fluente, surge como ícone da mulher emancipada neste período de grandes transformações sociais, políticas e artísticas entre as duas grandes guerras. Durante as sessões em que pausa para o pintor, a jornalista descreve o meio artístico da época, as relações tumultuosas entre os sexos, e a sua

vontade de transgredir normas e explorar outros modos de relacionamento e de vida em sociedade. Será essa imagem o espelho modelador da identidade do indivíduo e a fonte primária da sua identificação como indivíduo social?

Na composição deste retrato, questionam-se as fronteiras da identidade e do género social, propondo-se uma nova forma de olhar, mais aberta e livre, que contemple também o que é misteriosamente fluido e não se deixa enquadrar nas molduras existentes.

Sobre este espectáculo criado por Rui Neto a partir do texto do autor belga Stéphane Ghislain Roussel, a crítica Helena Simões escreveu no *Jornal de Letras* que a encenação é “realizada com precisão e requinte”, tirando partido da interpretação de Cristóvão Campos, “imersiva e hipnotizante”, e da “teatralidade brilhante da cenografia de Marisa Fernandes”.

Não é apenas 'Teatro'

Entrar numa sala de teatro, todos, ou quase todos, já entrámos pelo menos uma vez na vida. Sempre me deparei com o cenário já montado ao entrar numa sala, mas nunca me questioneei como é que esse mesmo cenário pode ter um chuveiro como aquele que tenho em casa, e é um palco, e não uma casa de banho. Qual foi a história que passou por aqui dias antes do grande acontecimento? Quem são e onde estão os seus actores?

Esta pergunta fez-me participar na montagem de *History of Violence*. Na fase inicial, sentia-se que o caos estava instalado. Sentia-se o esforço humano, a agitação, pessoas de um lado para o outro, o palco nu, como não estou habituado a vê-lo. Mas ao mesmo tempo cheio de vida, com muita presença e acção. Eu, na plateia, sentia-me como se estivesse a ver um espectáculo. É interessante perceber como vários tipos de emoções se cruzam num tão curto espaço de tempo. Os técnicos parecia que contracenavam entre si, e havia toda a energia da incerteza, do trabalho sob pressão, da busca incessante pela perfeição, que me dão vontade de fazer parte daquela atmosfera.

Olhei para esta montagem como se fosse dois diplomatas a tentarem chegar a um acordo sobre o futuro dos seus países: a equipa técnica da CTA, a tentar atender da melhor maneira possível às necessidades da

equipa técnica do espectáculo convidado; e a equipa técnica da Schaubühne, a não pôr em causa o profissionalismo dos anfitriões, mas que quer que as coisas corram como é habitual na montagem do seu espectáculo.

Isto leva a um disparar de línguas em direcções distintas: alemão para a direita, inglês para a esquerda, e português um pouco mais ao centro. Tudo isto acontece enquanto alguém tenta alinhar o projetor com uma grande tela branca suportada por três barras de ferro, que escondem a mangueira que possibilita a existência daquele chuveiro que referi no início. Foi um choque para mim: "Mas afinal... de onde vem a água?".

A luz foi mesmo o que mais me fascinou. Enquanto um dos técnicos da Schaubühne dava início ao que chamam 'ensaio técnico', iam testando as luzes, que percebi que são essenciais para proporcionar um ambiente. Percebi que o poder de controlar a luz pode também controlar as emoções do público: sempre que mudavam uma cor, ou os projectores, isto é inexplicável, mas eu sentia que o meu humor variava, como se a sala tivesse assumido controlo sobre mim. Acho que não verei um espectáculo com os mesmos olhos depois desta experiência: hoje, quando entrar na sala principal do TMJB, *History of Violence* não será apenas uma peça de teatro.

RODRIGO MONDIM, estagiário

O corpo é uma arma

A nudez, a intimidade, a criação, a liberdade. A pintura, o desenho, a dança, a mudança. Tudo isto aconteceu no terceiro Colóquio na Esplanada, com Victor Hugo Pontes. O criador e os seus bailarinos nus como forma de celebrar os 50 anos de Abril: era esse o mote para o diálogo com o público, onde o coreógrafo revelou que "apesar dos ventos adversos" é pelos afectos que vamos. "Não podemos batalhar com ódio", acrescentou. Num espectáculo onde a nudez toma o lugar da fala, importa perceber o desenho numa coreografia que nunca se guiou pela ideia de ofensa ou de pudor, que nunca quis chocar, mas antes provar que "nos expomos muito mais noutras coisas", e "que um padre, um arquitecto, uma médica ou uma operária nus perdem todo o referencial social. Os corpos são todos iguais". Esta é a revolução de Victor Hugo Pontes, que através das artes performativas convoca o público a sentir "o corpo como gesto político". E porque, tal como a cantiga, o corpo também é uma arma.

Inquietação, claro, porque os versos de José Mário Branco que inspiraram este colectivo

de homens e de mulheres sem roupa, de homens e de mulheres diversos, de homens e de mulheres iguais, são hoje tão actuais como dantes. Ou talvez mais actuais. Admite o criador, perante os ventos de mudança que sobressaltam o país, a censura deste espectáculo? "Espero que não, quero acreditar que não. Porque se houver censura na cultura, passamos todas as linhas vermelhas". Em Almada, foi só admiração, admiração e "foi um noite bonita". Para o coreógrafo, o Festival "é também uma forma de luta e de resistência".

TERESA DIAS MENDES

Amanhã colóquio sobre "A Colónia"

Por motivo de 'força maior' Marco Martins não poderá participar amanhã no Colóquio da Esplanada sobre *A colónia*, em cena na Culturgest até Domingo. A substituí-lo estarão a actriz Sara Carinhas e Conceição Lopes, que foi uma das crianças que esteve na colónia sobre a qual versa o espectáculo. A moderação da conversa será de Helena Simões.

Agenda de Amanhã

CONVERSA SOBRE "A COLÓNIA"

Esplanada — 18H00

AS AVES

CCB — 20H00

DŽEZVA

Esplanada — 20H00

A COLÓNIA

Culturgest — 21H00

UM ADEUS MAIS-QUE-PERFEITO

TMJB — 21H30

MONÓCULO, RETRATO DE S. VON HARDEM

Fórum Municipal Romeu Correia
21H30

A CASA MORREU — DIÁRIO DE UMA REPÚBLICA III

Academia Almadense — 21H30

Restaurante da Esplanada

HOJE

Frango crocante c/ salada de repolho
Bacalhau à antiga
Feijoada de abóbora e batata doce

AMANHÃ

Salsicha brasileira com lentilhas
Lulinhas à Algarvia
Salada de melancia e queijo feta

O Livro do Dia



2€ nas bancas do Festival